

Turismo cemiterial - o «porquê» e o «onde»

Cemetery tourism – the «why» and the «where»

JOSÉ AUGUSTO MAIA MARQUES * [jmaiamarques@gmail.com]

Resumo | No século 20, a morte foi considerada tabu, assustadora e fora de controlo. Hoje algo mudou. Vemos como atrações turísticas sítios que estão ligados com a morte, como memoriais e museus de guerra, campos de batalha, campos de prisioneiros, cemitérios.

Em Portugal o Turismo cemiterial começa a atrair pessoas. Cemitérios históricos são classificados como Património Nacional, os municípios cuidam-nos, dotam-nos com infraestruturas e as visitas guiadas tornam-se comuns.

O Turismo cemiterial tem sido visto como um ramo do Turismo Negro. Mas as motivações que levam os visitantes àqueles locais, indicam outra realidade, como procuraremos mostrar.

Palavra-chave | Turismo negro, turismo cemiterial, motivação turística, recurso turístico

Abstract | In the 20th century death was considered taboo, frightening and uncontrolled. Nowadays something changed. We now look as tourist attractions sites which relate to death, such as war memorials, war museums, battle fields, prison camps, cemeteries.

In Portugal Cemetery Tourism is beginning to attract people. Historic Cemeteries are classified as National Heritage, Municipalities take good care of them, endowing them with infrastructures and guided tours become common.

Cemeterial Tourism has been considered a branch of Black Tourism. But the motivations that bring visitors to those places point to another reality, as we will try to demonstrate.

Keywords | Dark tourism, cemeterial tourism, tourist motivation, tourist resources

* **Licenciado em História**, pela Universidade do Porto. **Mestre em Antropologia**, pela Universidade do Minho. **Doutorando em Turismo**, Universidade de Aveiro.

1. Introdução

O cemitério é, sobretudo, visto como um espaço de finitude. E finitude de tudo. Por isso também há cemitérios de tudo. De comboios, de automóveis, de aviões, de outros seres, de hoje e de ontem, de civilizações passadas, de outras culturas, de outras religiões, de outras dimensões.

A questão da construção de cemitérios em Portugal, nomeadamente no Norte do País, é um caso de estudo interessantíssimo.

Tal como lembram João de Pina Cabral e Rui Graça Feijó (1985), no Portugal dos inícios de novecentos os mortos eram sepultados dentro das igrejas paroquiais ou em seu redor. Foi a falta de espaço para sepultamentos dentro dos templos que fez com que se inumasse o mais perto deles, isto é, ao seu redor, nos adros.

Entretanto um pouco por toda a Europa desenvolvem-se novas ideias que levam a diferentes atitudes quer perante a morte ela mesma, quer perante a questão de saúde pública que ela frequentemente representava e para a qual se via uma só solução: proibir os enterramentos nas igrejas e transferir os cemitérios paroquiais para fora das povoações.

Entre nós estas novas atitudes acompanham as novas ideias que nos chegam com as Invasões Francesas.

Mas as circunstâncias não foram lineares. Por exemplo no caso do Cemitério do Prado do Repouso, no Porto, sabemos que as transformações urbanas, mas também as sociais e políticas, que a cidade sofreu ao longo do século XIX foram determinantes. Como o foram também os desaparecimentos ou alterações de uso de mosteiros, conventos e quintas e a consequente reorganização do tecido urbano (Almeida, 2007: 123, 124).

A propósito, o Geógrafo Rio Fernandes escreve (Fernandes, 1997: 271):

“O cemitério, de facto, é outra das alterações que o triunfo liberal introduz

embora as reacções à sua criação tenham sido muitas, porque o enterro fora das igrejas era mal entendido pela generalidade da população, habituada a ver sepultada forado espaço sagrado apenas os maiores dos pecadores (a exemplo dos condenados à força)”.

E por isso, para este como para outros cemitérios (Agramonte, também no Porto, ou Prazeres, em Lisboa) se encontram soluções de organização do espaço de modo a torna-los mais “agradáveis”, o que fez deles um instrumento de desenvolvimento urbano. É ainda Rio Fernandes quem afirma (Fernandes, 1997: 273):

O cemitério [...] foi um importante elemento de construção da cidade de finais do século XIX e de boa parte do século actual, apoiando a expansão da mancha urbana e servindo de suporte a significativas concentrações de actividades (com natural relevo para mar-moristas e floristas) [...].

Sepultar fora das igrejas significou por isso uma nova moldura arquitetónica, geralmente em meio urbano, uma nova moldura artística, que correspondia à realização do túmulo, uma nova moldura económica, eram muito elevadas as verbas gastas, mas sobretudo uma nova moldura sociológica – uma nova hipótese de afirmação social.

De facto, não se tratou apenas de uma questão de higiene e saúde pública, questão práctico-científica e político-social da sociedade oitocentista. Se assim fosse, os cemitérios católicos seriam em espaços em descampados, muito sóbrios e com túmulos de arquitetura padronizada tal como vemos no caso de algumas irmandades ou em outras religiões.

Aliada à questão higiénica surge o novo campo de afirmação social que o cemitério podia representar. Afinal, a cidade dos vivos tornou-se um espelho da cidade dos mortos e permitiu satisfazer o velho anseio de o indivíduo mais abastado se

“monumentalizar” distinguindo-se dos outros através de uma marca perene, de um objeto de consagração - o seu túmulo - comparando-se assim aos grandes personagens da história.

É justamente esta condição de «cidade dos mortos», uma das que mais confere ao cemitério grande potencialidade turística.

2. Turismo Negro

O Turismo Cemiterial tem sido visto como um ramo, se assim podemos dizer, do chamado Turismo Negro ou, em inglês, Dark Tourism. Também designado por Tanaturismo, Necroturismo, Turismo Mórbido, Turismo Macabro, Turismo Sombrio e até Turismo de Dor, consiste normalmente em visitar lugares associados à morte e/ou ao sofrimento.

Segundo Lennon e Foley (2000), o Turismo Negro consiste no ato de viajar e de visitar os locais de morte, catástrofes e cenários aparentemente macabros. Citados por Borges (2011), aqueles investigadores destacam três pontos principais sobre o Turismo Negro, um dos quais é que os elementos educativos dos locais são acompanhados por uma

comercialização e uma ética comercial que (explícita ou implicitamente) aceitam a visita (intencional ou incidental) como uma oportunidade para desenvolver um produto turístico.

Procurando uma definição concreta do fenómeno, Philip Stone (2010), escreve: "Turismo Negro é o ato de viajar e visitar atrações que apresentam a morte, real ou recriada, como tema central".

Jack Kugelmass (1994), especialista em questões judaicas, e a propósito da razão que leva os judeus, especialmente os norte-americanos, a escolher Auschwitz como destino, lembra que estas visitas têm o seu quê de redenção, sem que se interessem pela cultura local, seja ela judaica ou não, sendo que o seu interesse é nos mortos e não nos vivos.

Claro que esta visão nos aproxima estas visitas às peregrinações. Lennon e Foley (2002) são também de opinião que esta ideia de peregrinação está associada à morte de indivíduos ou grupos, na sua maioria em circunstâncias ligadas à violência, como os campos de morte de Choeung Ek no Camboja, Auschwitz - Birkenau na Polónia, Goli Otok na Croácia, o Ground Zero em Nova Iorque, Oradour-sur-Glane e a Ponte de Alma, em França, a Capela dos Ossos de Évora e até as ruínas de Vilarinho da Furna, de enorme potencial turístico.



Figura 1 | A chama da liberdade tornada Memorial da Princesa Diana (Paris). Fonte: Foto do autor

Aliás lembra-nos James Young (1993) que esta questão não é nova, já que “afinal locais como as catacumbas de Roma são respeitados pontos turísticos já há séculos”.

Segundo Sharpley (2009), as atrações turísticas “sombrias” também dão resposta a um sentimento de luto nacional e de senso de sobrevivência, ajudando o visitante a obter um significado para a sua própria existência social.

Mas, se o Turismo Negro está em ascensão e já vai sendo visto por muitos dentro da “normalidade”, para alguns ainda causa desconforto já que muitas pessoas preferem evitar más memórias, mesmo que se trate da história dos seus parentes, das suas famílias, das suas cidades e dos seus países”.

Por seu lado o psicólogo social Benoit Monin (2007), acredita que o Turismo Negro estabelece uma ligação entre observador e observado, já que, quando se está num local de tragédia, há a tendência de o visitante ver o mundo com o mesmo olhar da vítima. E em alguns locais há de facto uma grande preocupação em inserir o turista no mesmo ambiente de quem viveu aquele momento.

As razões para viajar para uma região atingida por uma catástrofe natural ou para visitar um memorial às vítimas de um genocídio são tão variadas quanto as motivações para férias em geral. Numa série de artigos sobre o Turismo Negro a “blogger” e viajante australiana Amanda Kendle (Kendle, 2008) refere razões tais como o desejo de entender como as pessoas sobrevivem a um desastre e a demonstração de simpatia para com o seu sofrimento, uma homenagem àqueles que morreram por uma causa justa, e outros menos louváveis como o interesse na morte e a depravação.

No geral, os adeptos deste tipo de turismo, procuram novidade, diversão, aventura e novos conhecimentos. Ser praticante de turismo negro, no entanto, não é obrigatoriamente sinónimo de veneração da morte e/ou do sofrimento.

Em muitos casos o turista que visita alguns dos

locais associados ao turismo negro, nomeadamente os designados cemitérios históricos, vai à procura da História, do confronto com a memória deste ou daquele, da experiência de estar no mesmo local onde as coisas aconteceram no passado.

Nós próprios, que acompanhamos várias dessas visitas nomeadamente a cemitérios do Porto, inquirimos os visitantes que nos colocaram exatamente diante destas motivações. Vários estudos de visitantes, ainda inéditos, levados a cabo por investigadores, também parecem ir de encontro a esta ideia.

O mesmo parece acontecer com alguns estudos publicados, como os de Stephanie Yuil (Yuil, 2003), Liliane Afonso (Afonso, 2010), Marijana Bittner (Bittner, 2011), Brigitta Pécsek (Pécsek, 2015) e Courtney Ann Mundt (Mundt, 2016).

De todo o modo, valerá certamente refletir sobre esta questão. Aliás o próprio Philip Stone (Stone, 2011) manifestou já há algum tempo a necessidade de novos olhares, sob novas perspectivas, a propósito da investigação sobre “Turismo Negro”.

Há, desde os anos 90, bastante literatura sobre a relação do Turismo Negro, enquanto “turismo da morte, da dor, do sofrimento” não só com o Turismo Cultural como com outras áreas do Turismo. Já em 1996 o *International Journal of Heritage Studies* publicava um número especial, coordenado por Malcolm Foley e John Lennon onde estas questões eram abordadas. Depois, foi uma constante de artigos, números especiais e revistas com contribuições dos maiores especialistas sobre o assunto.

Duncan Light (Light, 2017), da Universidade de Bournemouth fez muito recentemente uma excelente resenha de todas estas contribuições, num trabalho que voltaremos a citar mais adiante.

Ora Philip Stone (2006:152) desenvolveu uma tipologia de locais turísticos relacionados com morte e outros episódios macabros:

Quadro 1 | Uma tipologia de locais turísticos, segundo Philip Stone (Stone, 2006; 152).

TÍTULO	TIPO	EXEMPLO
Sombrias Fábricas de Diversão (Dark Fun Factories)	Eventos mais fictícios, lendas urbanas ou relatos históricos mais ou menos sombrios. “Locais de visita, atrações e viagens que têm predominantemente o entretenimento como foco e uma ética comercial, e que apresentam a morte real ou ficcional e eventos macabros” (2006: 152).	London Dungeon (Londres, GB) Dracula Park Project (Roménia)
Exposições Macabras (Dark Exhibitions)	Mostram objetos relacionados com sofrimento, morte e outros temas sombrios. Podem compartilhar o interesse económico com a intenção de educar. Podem estar afastadas do local onde ocorreu a morte ou o evento macabro. “oferecem produtos que giram em torno da morte, sofrimento ou o macabro, muitas vezes com uma mensagem comemorativa, educacional e reflexiva. (2006: 152).”	11 de setembro: Testemunhando a História (Nova Iorque, USA) Instrumentos europeus de tortura e pena capital (Europa)
Masmorras Negras (Dark Dungeons)	Ocupam estabelecimentos prisionais fora de uso, que foram preservados pelo seu valor histórico e/ou patrimonial. “locais e atrações que apresentam o passado penal e códigos da justiça ao presente do consumidor, e giram em torno de (ex) prisões e tribunais (2006: 154).”	Alcatraz (S. Francisco, USA) Robben Island, a prisão de Mandela Cidade do Cabo, (África do Sul)
Sombrios Locais de Descanso (Dark Resting Places)	Cemitérios e afins, com potencial de fruição turística. Podem influir na regeneração urbana. Segundo Stone (2006:154), o interesse pelos cemitérios está a aumentar, devido ao papel de associações, da internet e das visitas orientadas.	Père Lachaise (Paris, França) Lapa (Porto, Portugal)
Santuários Negros (Dark Shrines)	“Lugares em que se materializa a homenagem aos recentemente falecidos (2006: 155). São muitas vezes construídos, formal ou informalmente, muito perto do local da morte e dentro de um período de tempo muito curto após ter ocorrido a mesma.	“Memorial” de Diana junto da Pont de l’Alma (Paris, França) Ground Zero (Nova Iorque, USA)
Sombrios Cenários de Guerra (Dark Conflict Sites)	Predominantemente locais de conflito. “associados a guerras e campos de batalha e à sua mercantilização como potenciais produtos turísticos (2006:156)” O seu objetivo pode ser essencialmente comemorativo e educativo. As duas guerras mundiais que devastaram o continente europeu semeado acidentes geográficos célebres pela morte de milhares de soldados, como as praias da Normandia, na França.	Locais de batalhas da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, não só na Europa como por todo o Mundo.
Negros Campos de Extermínio (Dark Camps of Genocide)	Locais que têm o “genocídio, atrocidade e catástrofe como principal tema tanatológico” (2006:156). No extremo mais sombrio deste tipo de turismo, as fábricas de morte construídas por regimes autoritários ao longo da história impedem-nos de esquecer os crimes.	Auschwitz- Birkenau (Oświęcim, Polónia) Tuol Sleng Genocide Museum (Phnom Penh, Camboja)

Fonte: Elaboração do autor



Figura 2 | Entrada do Campo de Auschwitz-Birkenau Fonte: Foto do autor

3. Turismo cemiterial

A existência desta “tipologia turística” não causará estranheza a quem se interessa por estes temas. É que, se meditarmos sobre ele, concluiremos que geralmente o cemitério, a necrópole, a cidade dos mortos, é a outra face, o outro lado do espelho da cidade dos vivos.

Michel Vovelle (1993) explica que o lugar dos mortos se modificou significativamente no decorrer dos tempos. No século XIX, os cemitérios assumem grande importância no imaginário visionário dos arquitetos. É nesse período que surgem os grandes projetos dos cemitérios urbanos, como são conhecidos hoje. São do início do século XIX os cemitérios centrais de Viena e de Estocolmo, bem como os cemitérios do Père Lachaise, de Montmartre e de Montparnasse, em Paris. Para o autor, os cemitérios são espaços de repouso privilegiado, sítios agrestes repletos de monumentos aptos a acolher todas as homenagens da memória familiar e do respeito cívico.

Michel Ragon (1981), grande estudioso dos cemitérios, adverte que estes podem ser considerados a segunda morada, onde o túmulo é a casa e o cemitério é a projeção de um quarteirão, de uma

vila ou até mesmo de uma cidade. É nos cemitérios que se repetem os elementos arquitetónicos e paisagísticos presentes nas cidades e onde se reproduz, de fato ou de forma idealizada, a ordem socioeconómica dos vivos.

Casos há em que um cemitério se tornou mesmo um local que transcende em muito um espaço de morte. Foi o que aconteceu com o cemitério de La Recolecta em Buenos Aires. Este bairro conhece o seu desenvolvimento desde os fins do século XIX, porque o cemitério aí se encontrava instalado. La Recolecta é hoje uma das grandes atrações turísticas de Buenos Aires.

Na América do Sul, mormente no Brasil, mudam os paradigmas cemiteriais, quiçá impulsionados quer pelos curiosos sincretismos religiosos quer pela falta de espaço nas grandes cidades, quer pela mudança de mentalidades e atitudes perante a morte. Começam a surgir os chamados «cemitérios verticais», escoreitos de formas e de decorações, sem obras de arte ou mausoléus que possam diferenciar pela sumptuosidade a pessoa ali enterrada, onde apenas pequenas placas de mármore ou de bronze identificam a sepultura. Apesar das transformações, continuam a receber visitantes e turistas, prestando algum tipo de homenagem a al-

guém, ídolo futebolístico, cinematográfico, ou político, que esteja ali sepultado.

O cemitério é assim, segundo Osman e Ribeiro (2007), “um ponto turístico consolidado nos mais diferentes países do mundo”.

Creio não ser este o momento de abordar em profundidade a questão da fruição turística de espaços sagrados. Em primeiro lugar porque é uma discussão que, ao menos para já, precisa ainda de muita contribuição reflexiva. Depois, porque tem de ser posta a vários níveis. E por último porque só essa abordagem justificaria uma tese, ou várias, não estando ao alcance de um simples artigo que apenas pretende recentrar o modo como se classifica esse tipo de turismo.

Aliás o simples enfoque da questão é objeto de discussão. É o cemitério um espaço sagrado? Não foi ele dessacralizado no séc. XIX? Não foi ele retirado à influência da Igreja, quer no aspeto ritual quer no aspeto administrativo? Não foi ele transformado num espaço neutro onde todos têm lugar, independentemente de terem ou não terem religião?

E se é polémico o Turismo Cemiterial porque se pisa o solo sagrado¹ do cemitério, teremos que deixar de visitar o Panteão Nacional, ou o Mosteiro dos Jerónimos, que também é panteão, ou muitos outros locais, incluindo a maioria das Igre-

jas, onde há igualmente sepulturas. Ou mesmo os seus adros. E, claro, as Pirâmides do Egito, para só falar nesta grande necrópole.

Por outro lado, se nos lembrarmos que o Concílio de Rouen em 1231 proibiu, sob pena de excomunhão quem dançasse nos cemitérios (Afonso, 2010), e que em 1405 o Papa retoma a proibição de dançar, interditando também os jogos de todas as espécies, mímicas, teatros, malabarismos, músicos, charlatães, etc. (Ariès, 1975), podemos por como hipótese que a sacralidade desses espaços estava, no mínimo, muito atenuada.

Por outro lado, cemitérios com características próprias, podem merecer o respeito e a admiração dos visitantes, não atentando em nada a sua sacralidade.

Veja-se o caso, por exemplo, do Cemitério Judaico de Praga, um lugar completamente à parte da Cidade, onde nos sentimos transportados para um mundo diferente, como se numa cápsula do tempo, e nos seus escassos metros quadrados somos levados a refletir sobre o caos e a ordem, o antes e o depois, o finito e o infinito. Este tornou-se um local obrigatório de visita turística, mas, espaço protegido, o bulício não impede que o local seja habitat de inúmeras espécies animais, colocando-nos frente a frente a questão da morte regeneradora de vida.

¹Mesmo o caráter sagrado (com o significado exclusivo com que é utilizado nestes debates) do cemitério não é uma constante histórica. Na preparação de uma palestra monográfica sobre um cemitério do distrito do Porto que fizemos há semanas consultamos o seu regulamento, elaborado em julho de 1869. Este determina várias coisas. Uma era que o “diretor” era responsável por «Velar pela ordem e decoro dentro do cemitério proibindo as discussões irritantes, cantigas, frases indecorosas, brinquedos de crianças, colóquios de namorados e enfim todos os atos incompatíveis com a profunda gravidade e respeito que deve sempre existir em um lugar que é dedicado aos mortos». A outra mostra-nos como poderiam ser então aproveitadas algumas potencialidades dos cemitérios. É que se algo se proibia, é porque se fazia. ... «Não permitir dentro do cemitério plantações de árvores frutíferas, hortaliças ou qualquer vegetal que possa servir de alimento, e bem assim a criação de aves domésticas ou de quaisquer outros animais» (ADP, Fundo do Governo Civil).



Figura 3 | A vida por entre a morte. Cemitério de Praga, 2011 Fonte: Foto do autor

Entretanto, os cemitérios foram-se tornando em mais do que locais de veneração. Lennon e Foley notam que: “Agora os turistas, mais do que os enlutados familiares, são quem visitam e realizam deslocações organizadas ao cemitério” (2000: 77). Para alguns, esses cemitérios transformaram-se, como refere van Herk. São “... Histórias enigmáticas de padrões sociais, padrões de assentamento, epidemias como a da varíola ou da gripe, mortalidade no parto, tempestades e tragédias climáticas, barreiras étnicas. Distinções sociais - classe, dinheiro e família – também são reencenadas na própria estruturação do cemitério, famílias sepultadas no mesmo espaço, os importantes nos locais de eleição, vítimas em valas comuns e, no passado, suicídios e ateus fora da santidade do recinto (van Herk 1998: 54).

Também estes aspetos representam referências evocativas de um passado que pode, mais ou menos, ter afetado alguém que conhecemos, ou pelo menos termos conhecimento de que esses fenóme-

nos existiram. E, por isso, estarmos relacionados com o cemitério, ou o cemitério relacionado conosco.

Enquanto os cemitérios europeus já são referências para o turismo, os cemitérios portugueses começam a aparecer, aos poucos, nos roteiros turísticos das cidades. É o caso, no Porto, do Cemitério da Irmandade de N.ª. S.ª. da Lapa e dos Cemitérios Municipais de Agramonte e Prado do Repouso, e que possuem recursos comuns aos grandes cemitérios europeus referenciais turísticos, ou seja, as obras de arte, as personalidades ali sepultadas, e o usufruto de um espaço sossegado dentro do bulício urbano.

Não é novo o hábito de visitar alguns dos cemitérios portuenses. Esta atividade tem até sido levada a cabo com alguma constância por algumas entidades, como a Câmara Municipal do Porto, e por algumas personalidades como o Prof. Francisco Queirós. Mas, a um nível mais amplo, são ainda iniciativas algo isoladas.



Figura 4 | Cemitério da Lapa (Porto). Visita Guiada por Francisco Queiroz Fonte: Foto do autor

E é deste autor (Queiroz 2002) que respigamos a seguinte afirmação: “De facto, o potencial turístico de um cemitério não se avalia somente pelo que contém, mas também pela sua localização, enquadramento urbano, asseio e, sobretudo, pela questão das dissonâncias no seu interior. Os cemitérios históricos e monumentais são como cidades em miniatura e também possuem os seus centros históricos, frequentemente descaracterizados por obras mais recentes ou pela alteração da própria paisagem original. Ao contrário do que se passa no mundo anglo-saxónico, os cemitérios portugueses degradam-se muito pela renovação e não tanto pelo abandono”.

Mas o interesse pela visita aos cemitérios não abrandou, ao menos na Área Metropolitana do Porto. Continuam as visitas, espera-se a saída das classificações, encara-se a possibilidade de publicar um Roteiro de Turismo Cemiterial da Área Metropolitana do Porto, e existe até um grupo no Facebook, chamado Saudade Perpétua, que tem como dinamizador principal Francisco Queiroz, e que muito embora se estenda a tudo o que é Romantismo, tem por epicentro os cemitérios.

4. O «porquê» e o «onde»

Mas afinal, o que é que traz turistas aos cemitérios. O que é que motiva a sua visita? O que faz com que ele escolha aquele destino em detrimento de outro?

Eduardo Rezende (2006), um geógrafo brasileiro que se converteu ao estudo do fenómeno do Turismo Cemiterial naquele País, escreve: “O cemitério é uma fonte de pesquisa geográfica (localização e expansão das cidades), histórica (antigos hábitos e razões de inumar), sociológica (como a sociedade lida com a morte e a memória), antropológica (representações individuais e coletivas da morte), linguística (signos verbais), literária (escritos sobre as necrópoles, epitáfios), artística (escultura funerária, vidros, metais), arquitetónica (construções tumulares), arqueológica (antigos túmulos), hidrogeológica (águas subterrâneas cemiteriais) pedológica (os solos dos cemitérios), genealógica e heráldica (famílias, nomes, brasões), demográficas (imigrantes, casamentos), nobiliárquica (linhagens nobres)”, e até, acrescentamos, a satisfação da natural curiosidade de saber como os ilustres das gerações anteriores descansam.

De acordo com a escala de necessidades de

Maslow (1970), o turismo pode ser considerado uma necessidade social quando a pessoa entende que deve viajar para obter determinado *status* e assim ser estimada pelo grupo. De outra forma, se a pessoa busca no turismo a autorrealização como atividade que lhe satisfaça e que lhe traga prazer ou autodesenvolvimento por intermédio do conhecimento de novas culturas, o turismo virá por último na escala de necessidades do homem.

Resultantes destes desejos e necessidades surgem as motivações turísticas, que giram em torno de lazer, negócios, férias e recreação, saúde, visita a parentes, encontros, conferências, etc.

Temos então que o estudo da motivação pode ser perspectivado em três variáveis:

- O ambiente;
- As forças intrínsecas ao indivíduo, como sejam necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso;
- O objeto que atrai o indivíduo, por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

Com base nessas três variáveis, pode conceituar-se a motivação como sendo o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.

Quer isto dizer que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma vontade, um desejo, uma necessidade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também inserido o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação.

A cadeia da motivação pode então esquematizar-se deste modo:

Ambiente $\Rightarrow$ Organismo $\Rightarrow$ Desejo ou Necessidade $\Rightarrow$ Objeto de Satisfação.

Portanto, a motivação é um processo que relaciona desejo/necessidade, ambiente e objeto, e que predispõe o organismo para a ação em busca

da satisfação da necessidade/desejo.

Pearce (1987) pensa, por outro lado, que o método ideal é partir não das atividades, mas das necessidades dos turistas para realizar a viagem. Assim ele constrói, a partir da teoria de Maslow, um esquema que diferencia necessidades, que se convertem em motivações.

Como refere Alvarez Sousa (2010), "...um mesmo recurso ou produto, por exemplo o Caminho de Santiago, para uns pode servir para se descontraír, para outros para se estimular ou não se aborrecer, para outros para não se aborrecer, para outros para se relacionar com pessoas, para outros para elevar a sua autoestima fazendo a viagem à vista de outras pessoas, e para outros para se satisfazer a si mesmo mediante um processo de elevação para além da vida mundana". E acrescentamos nós, para muitos serve para alcançar várias destas situações ao mesmo tempo.

Parrinelo por seu lado (2005) afirma: "A importância da motivação no turismo é muito óbvia. Atua como um gatilho que despoleta todos os acontecimentos envolvidos na viagem. Por outras palavras, representa os "porquês" e os "portantos" do viajar em geral e de uma escolha específica em particular".

Conhecer a motivação do turista é, como se vê, um ato fundamental para uma boa gestão da coisa turística, seja ela qual for.

São muitos os trabalhos sobre este tema, que aparecem aliás muito bem recenseados por Francisco Dias (2009), que coloca neste aspeto as seguintes questões:

- Por que é que certas pessoas viajam e outras não?
- Por que é que determinadas pessoas escolhem determinados locais de visita?
- Quais os aspetos relevantes na escolha de férias?
- Por que é que algumas pessoas preferem

férias de tipo itinerante e outras optam por permanecer num único local?

- Quais os fatores determinantes da satisfação dos turistas?

- Como valorizar um destino turístico de modo a satisfazer mais adequadamente as necessidades dos visitantes?

Mas vejamos alguns casos interessantes. Para Mill e Morrison (1985), viajar é satisfazer necessidades, sendo esta a grande motivação. Dann (1977) propõe sete categorias de análise: a viagem como uma resposta a um desejo; os fatores *push & pull* que fazem desejar a viagem, uns, e que afetam a escolha do destino, outros; a materialização/satisfação de uma fantasia; o objetivo classificado, como por exemplo visitar parentes, ou estudar; a motivação e as experiências dos turistas; a motivação como definição e significado; as tipologias motivacionais.

A reflexão de Ryan (1991: 25-29) sobre motivações de viagens turísticas, mostra-nos vários “porquês”: negócios; desejo de escapar do ambiente quotidiano; procura de relaxamento e descanso; oportunidade de diversão; reforço dos laços familiares; prestígio e destaque social; convívio social; oportunidades educacionais; realização de desejos; compras. A estes, acrescentaria eu o da necessidade de se por à prova e de se superar, e o da regressão no tempo quer por fatores meramente culturais quer por razões emocionais.

Nas conclusões do seu trabalho, Marijana Bittner (Bittner 2011) escreve:

“Além disso, o estudo mostra em que medida os temas tanatológicos são considerados uma atração e se são considerados parte do património cultural ou histórico. As respostas recebidas usando o método de entrevistas semiestruturadas mostram em que medida as experiências de visitar uma

atração turística tanatológica contribuem para uma melhor compreensão do tema ao qual uma certa atração turística está ligada, bem como a ideia de que as atrações tanatológicas fazem parte do património cultural ou histórico”.

E por sua vez Brigitta Pécssek (Pécssek, 2015), num artigo sobre o Cemitério Nacional de Budapeste afirma que o seu trabalho permite:

“...reposicionar os cemitérios dentro da oferta turística e mostrar o seu valor como produtos de turismo cultural que podem enriquecer as experiências dos visitantes. Cemitérios urbanos como reunião ritual pontos de vida e morte tornaram-se parte integrante do turismo da cidade, e vários cemitérios urbanos como o Père Lachaise em Paris têm uma alta taxa de visita. A Literatura de turismo contemporânea incorpora os cemitérios principalmente no turismo negro ou sobrenatural, negligenciando o seu rico potencial em experiência de cemitérios como produtos culturais. Este artigo tem uma visão diferente não incluindo o turismo cemiterial no turismo negro, e muito menos na subcultura gótica. Como cada cemitério é a marca da comunidade e da cultura local e cada cultura tem sua própria maneira de lidar com questões de vida e morte, o turismo cemiterial, incluindo os rituais fúnebres que lhe relacionados, representa uma exposição cultural fascinante para os turistas, oferecendo atividades baseadas na natureza e na cultura. Portanto, pode ser legitimamente colocado no turismo cultural e patrimonial.

Este quadro, extraído daquele trabalho, ilustra uma das questões colocadas nas entrevistas e ques-

tionários, mas é bem importante para o tema em apreço.

Quadro 2 | Conceitos associados ao Cemitério Nacional

Adjetivos Gerais	41,67%
História	29,17%
Cultura	25%
Natureza	4,7%

Fonte: Pécssek, 2015: 54-55

O recente e notável trabalho de Duncan Light (Light, 2017) a que já nos referimos, para além de elencar dezenas e dezenas de trabalhos sobre este tema produzidos ao longo de duas décadas, vai mais longe. Avalia o progresso dessa produção tendo em conta seis eixos de principais de temas/debates: definições e conceitos, questões éticas, dimensões políticas e ideológicas, natureza da

procura, a gestão dos espaços, e os métodos de investigação. Identifica áreas em que a investigação deve ser aprofundada ou mesmo iniciada.

É um trabalho de extrema utilidade para esta questão. Entre muitos outros dados, fornece-nos um interessante quadro que se reproduz de seguida.

Quadro 3 | Influências das áreas disciplinares no desenvolvimento da investigação em turismo negro e tanaturismo 1996/2016

<i>Nos Estudos de Turismo / Gestão Turística</i>	
Turismo patrimonial	***
Experiência/comportamento turístico	***
Autenticidade	***
Motivação turística	**
Relação turista/hospedeiro	**
Atratividade do destino	**
Especial interesse	*
Política de turismo	*
Marketing turístico	*
Economia do turismo	*
<i>Outras disciplinas/campos</i>	
Sociologia (da morte)	***
Antropologia	***
Criminologia	**
Geografia Humana	**
História	**
Arqueologia	**
Memórias	**
Psicologia	*
Comunicação/Jornalismo	*
Crítica literária	*
Estudos pós-coloniais	*
Direito	*
Estudos sobre a morte	*
Marketing	*

*** Influência forte **Influência limitada *Influência mínima

Fonte: Light, 2017: 293

Verificamos que os estudos realizados têm esmagadoramente uma predominância do Património, da Experiência, da Autenticidade, da Sociologia e da Antropologia.

Mas mais, nas suas conclusões, Light afirma, e faço uma citação longa pela sua importância:

“...há evidências limitadas de que o turismo negro ou o tanaturismo representem partes distintas da procura turística. Ambos os conceitos foram baseados na suposição de que (alguns) turistas tinham um interesse claramente definido na morte ou no sofrimento. No entanto, um corpo excelente de investigação Mais do que serem motivados por um interesse particular em morte e em sofrimento, muitos visitantes querem intencionalmente viajar (peregrinar) aprender, compreender, ligar-se, evocar. Como tal, as suas motivações e experiências são difíceis de distinguir daquelas dos turistas tradicionais. Se há turistas com um fascínio específico pela morte, parecem ser um fenómeno raro”.

E mais adiante:

“[O turismo negro] foi originalmente pensado como algo distinto do turismo patrimonial e muitos outros países adotaram subsequentemente essa posição. No entanto, duas décadas de investigação não claramente estabeleceram claramente como é que

o turismo negro se diferenciado do turismo de patrimonial. [...]. O que é importante é que muitos investigadores que se concentram no uso turístico de lugares associados à morte e ao sofrimento não veem necessidade de usar os termos turismo negro ou tanaturismo como estruturas explicativas, preferindo investigar conceitos como património dissonante o "património difícil. Se alguma coisa fica, após estes esforços para diferenciar o turismo negro e o tanaturismo, é uma crescente convergência com o turismo de património (ilustrado pelo crescente uso de termos como 'património negro' ou 'turismo de património obscuro')". (Light, 2017: 294)

Embora o objetivo principal do cemitério seja constituir o lugar de descanso eterno do falecido e de sua memória para os vivos, ele não é desprovido de atratividade turística, e não só. Essa atratividade estende-se aliás por vários temas, de entre os quais:

Defuntos célebres - Este tema é talvez o mais importante de todos, embora esteja mais relacionado com os “habitantes” do que com o próprio cemitério. Muitos turistas, do simples curioso ao verdadeiro admirador, vêm visitar os defuntos mais conhecidos. Uma grande razão da visita ao cemitério da Lapa (Porto) é o facto de Camilo Castelo Branco aí estar sepultado, embora até em jazigo que não é seu.



Figura 5 | Cemitério da Lapa (Porto). Sepultura de Camilo Fontes: Foto do autor

História - A história de um cemitério pode, também, ser motivo de interesse. Um grande número de espaços funerários tem já vários séculos de existência, tendo evoluído através dos tempos para se tornar no que são hoje. O turista apaixonado pela História gostará de conhecer os testemunhos do período em que se construiu o cemitério e as modificações que sofreu. Este aspeto está intimamente ligado ao seguinte.

Arquitetura - A arquitetura do cemitério é composta tanto por elementos urbanos (ruas, praças), como por materiais vegetais (árvores, flores). Estas duas facetas arquitetónicas definem a atmosfera do lugar e, portanto, têm um grande impacto sobre a sua atratividade turística. Além da sua vegetação, a conceção arquitetónica do cemitério confere-lhe um carácter próprio, podendo transformá-lo num ponto interessante para o turismo onde seja agradável estar e passear, isto sobretudo se se situam em zonas urbanas menos providas de espaços verdes. **Arte funerária** - A beleza do cemitério não se limita apenas ao seu desenho urbano e ao seu ambiente. A arte funerária, isto é, as capelas, as sepulturas e todos os seus aspetos decorativos, são peças fundamentais

na atratividade do lugar. Aparecidas durante o período romântico, as esculturas que adornam as sepulturas, algumas de artistas famosos, são de interesse especial para o turista, permitindo-lhe por vezes a descoberta de peças de arte magníficas num lugar que se crê triste e austero. Sendo a arte funerária eminentemente simbólica, descobrir os significados dessa simbologia é outro dos aspetos atrativos.

Cultura local e regional – O cemitério espelha a comunidade em que se insere. Os seus rituais, as suas atitudes perante a morte, a sua estratificação social, a sua organização profissional, níveis económicos, gostos artísticos, tudo isso se reflete nos cemitérios. Por isso, conhecê-lo, é conhecer a outra face da comunidade. Parafraseando o título da tese de mestrado de Ana Paula Pegas (Pegas, 2013), é “O visível que não se vê”.

Um exemplo de “Cemitério com interesse turístico”, onde vemos tudo isto, é o parisiense Père Lachaise. Será talvez o mais famoso cemitério do mundo, devido à sua localização no centro da capital francesa, à beleza dos seus monumentos e ao número de pessoas famosas que aí estão sepultadas. Foi fundado em 1804 numa época em que

Paris se embelezava. Por isso se transformou em breve num verdadeiro Museu ao ar livre com obras de famosos artistas como Bartholdi, Bartholomé, Chapu, valorizado por todo o espaço verde envolvente. Aí repousam muitas celebridades de todas as épocas, do cantor ao político do pintor ao escritor. Alguns nomes: La Fontaine, Balzac, Delacroix, Théodore Géricault, Champollion, Chopin, Molière, Oscar Wilde, Yves Montand, Edith Piaf, Jim Morrison, Pierre Bourdieu, etc. Tem como oferta turística visitas guiadas gerais e temáticas – A simbólica e a arte funerária, A natureza e os jardins, O Père Lachaise contado aos de 20 anos – sítio na Internet, plano-guia, postais, etc. Recebe mais de dois milhões de visitantes por ano.

Mas, e num outro plano, o Père Lachaise é também um aprazível parque com árvores frondosas, bancos e bebedouros, semeado de esculturas e de monumentos arquitetónicos. É o maior espaço verde no interior da cidade de Paris. Enquanto produto turístico, estabelece o equilíbrio entre a fruição do local e a sua finalidade primeira – última morada, sítio de repouso e de veneração dos falecidos.

Sabemos que um cemitério é um espaço cheio de simbolismos – religioso, artístico, antropológico... Pode ser um instrumento de memória poderoso e importante para o conhecimento do passado. Também pode constituir-se num componente essencial da história local de uma comunidade. Mas é igualmente, e cada vez mais, o lugar onde está sepultado este ou aquele cidadão mais notório, sobre o qual se concita alguma curiosidade, e o local onde podemos admirar esta ou aquela peça de arte mais significativa.

Por isso se avança com a proposta que, por uma questão de melhor enfoque no que toca às motivações, o designado Turismo Cemiterial deixe de ser considerado como componente do Turismo Negro, onde a morbidez e o gosto pelo macabro imperam, e passe antes a ser encarado como um produto ligado ao Turismo Cultural, já que são desse domínio as suas principais motivações.

Referências

- Afonso, L. R. G. (2010) Turismo Cemiterial: O cemitério como espaço de lazer. *Monografia*. Apresentada ao Curso de Turismo. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://centrodocumentacao.turismodeportugal.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibsrch.aspx?skey=84999E5E47E54279A0D70F20AE36D50E&cap=&pesq=5&thes0=10221&doc=26556>. Consultada em 12 de janeiro de 2017.
- Almeida, M. (2007) *Morte, Cultura, Memória: Múltiplas Interseções. Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Almeida, M. (2016). «A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial». *Revista M – Dossier Morte, Poder e Política*, vol. 1, nº1. pp. 217-234.
- Alvarez Sousa, A. (2010). *Sociología del turismo*. 2ª ed. Madrid: Udimá.
- Ariès, P. (1988) *O Homem Perante a Morte*. Lisboa; Europa-América.
- Bittner, M. (2011) „Dark Tourism“– Evaluation of Visitors Experience after Visiting Thanatological Tourist Attractions. In *Turizam*, Volume 15, Issue 4
- Borges, G. P. (2007). *Turismo Negro*. Em Comunicar, Comunicação e Marketing, disponível em http://www.comunicar.com.br/downloads/artigo%20Turismo_Negro.pdf. Consultado em 18 de novembro de 2011.
- Cabral, J. P. C. & Feijó, R. G. (1985). “Um conflito de atitudes perante a morte: a questão dos cemitérios no Portugal contemporâneo” in *A Morte no Portugal Contemporâneo*, dir. de Rui G Feijó, Hermínio Martins, João de Pina Cabral. Lisboa: Querco, pp. 175-208.
- Catroga, F. (1999) *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Libreria Minerva Editora.
- Chiavenato, J. J. (1998) *A Morte: uma Abordagem Sociocultural*. São Paulo: Moderna.
- Coutinho, B. (2012) *Há morte nas catacumbas? Um estudo sobre turismo negro*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Dissertação de mestrado. Disponível em https://ria.ua.pt/bitstream/10773/10167/1/Dissertacao_Belmira_Coutinho.pdf consultado a 10 de maio de 2017

- Dann, G. S. (1981). "Tourist motivation - an appraisal". *Annals of Tourism Research*, 8(2), pp 187-219.
- Del Puerto, C. & Baptista, M. L. (2015) "Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte". *Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR*, Penedo, vol. 5, n.1. Disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1611/1307>. Consultada em 20 de setembro de 2017.
- Dias, F. (2009). "Visão de síntese sobre a problemática da motivação turística", *Percursos & Ideias* - N° 1 - 2ª série, pp. 117-140
- Diogo, A. (2017) "Património Cemiterial: entre a materialidade e o espírito do lugar. Reflexão sobre a valorização e gestão da morte enquanto património artístico, pertença e memória coletiva". *Revista Memóriamedia*, 2. Art. 4.
- Eliade, M. (1999) *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Livros do Brasil
- Fernandes, J. A. R (1997) "Prado do Repouso, o primeiro grande cemitério do Porto". *O Tripeiro*. Porto, 7ª série, Ano XVI, nº. 9-10, p. 270-273, Setembro/Outubro de 1997.
- Hamscher, A. N. (2003) "Talking Tombstones: History in the Cemetery". *Magazine of History*, Volume 17, Issue 2
- Hudson, S. (1999). "Consumer Behavior Related to Tourism" in *Consumer Behavior in Travel and Tourism* by Yoel Mansfeld & Abraham Pizam. Londres, Routledge, 1999, pp. 7-32.
- Joly, D. (2010). *The Dark Tourist – sightseeing in the world's most unlikely holiday destinations*. London: Simon & Schuster.
- Kendle, A. (2008). "Dark Tourism: Exploring the Fine Line Between Curiosity and Exploitation" e "Grief Tourism: Straddling the Boundary Between Sympathy and Snooping" em *I'm not a ballerina, I'm a traveler and a thinker*, disponível em <https://www.notaballerina.com/2008/02/web-pirouette-dark-tourism.html>. Consultado em 11 de setembro de 2016.
- Kugelmass, J. (1994). "Why We Go To Poland: Holocaust Tourism as Secular Ritual". In Young, J. (ed.) *The Art of Memory: Holocaust Memorials in History*. New York & Munich: Prestel-Verlag.
- Lennon, J. & Foley, M. (2010). *Dark tourism: the attraction of death and disaster*. London: Cengage Learning.
- Light, D. (2017) "Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism". In *Tourism Management*, Volume 61, August 2017. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517717300092>. Consultado em 11 de novembro de 2017.
- Marques, C. (2009). *Motivações das Viagens Turísticas para Regiões do Interior - O Caso do Douro*. Vila Real: UTAD (Dissertação de Doutoramento).
- Martins, F. G. (2015). *Arquitetura funerária: conceitos e lógicas propositivas no cemitério do século XX*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: Universidade Lusíada. Disponível em <http://hdl.handle.net/11067/1360>. Consultada em 12 de março de 2018.
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality*. 2nd edition, Londres, Harper & Row.
- Meyer, L. & Peters, J. (2001). "Tourism – A conservation tool for St. Louis Cemetery N°1". In: *Dead Space Studio*, Univ. of Pennsylvania Disponível em: <http://cml.upenn.edu/nola/pdfs/Tourism.pdf>. Consultado em 6 de novembro de 2013).
- Mill, R. C. & Morrison, A.M. (1985). *The tourism system: an introductory text*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Monin, B. (2007). "Shedding light on dark tourism". *The Pittsburgh Post Gazette*, 13 de Abril de 2007. Disponível em <http://www.post-gazette.com/life/travel/2007/04/13/Shedding-light-on-dark-tourism/stories/200704130300>. Consultada em 11 de setembro de 2016.
- Monteiro, G. (2016) "Sobre Turismo Cemiterial". *Elegia*, revista semestral da AAFC, N° 4, julho 2016
- Mumford, L. (1970). *The Culture of Cities*. Orlando, Harcourt Brace Jovanovich Publishers.
- Mundt, C. A. (2016). *Motivation and Behaviour in Cemetery Tourism: A Case Study of Glasnevin Cemetery, Dublin, Ireland*. Thesis submitted to University College Dublin for the Master of Science. Disponível em: file:///C:/Users/jmaia/Downloads/Courtney_Mundt_UCD_MSc_Thesis.pdf. Consultada em 15 de julho de 2017.
- Osman, S. A. & Ribeiro, O. C. F. (2007). *Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo*. *Licere*, Belo Horizonte, volume 10, nº.1, pp. 1-15, abril de 2007. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufrrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf. Consultada em: 7 de março de 2010.
- Parrinello, G. L. (2005). "Motivation and anticipation in post-industrial tourism" in *The Sociology of Tourism: Theoretical and Empirical Investigations*, edited by Yiorgos Apostolopoulos, Stella Leivadi & Andrew Yiannakis. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp 75-89.

- Pearce, P. L. (1987). "Psychological Studies Of Tourist Behavior And Experience", *Australian Journal of Psychology*, Volume 39, nº 2, pp. 173-182, Agosto de 1987.
- Pécsek, B. (2015). "City Cemeteries as Cultural Attractions: Towards an Understanding of Foreign Visitors' Attitude at the National Graveyard in Budapest". *Deturope*, 7, 1. Disponível em http://www.deturope.eu/img/upload/content_42123976.pdf. Consultado em 15 de julho de 2017.
- Pegas, A. P. C. (2013) *O visível que não se vê e o património cemiterial: proposta de criação de uma Rota Turística dos Cemitérios do Porto*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras.
- Queiroz, J. F. F. (1998) "Cemitérios Oitocentistas Portugueses - Os Museus da Morte". *Revista Museu*. Porto, IV série, nº. 7.
- Queiroz, J. F. F. (2002). *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista no Norte de Portugal*. (Tese de Doutoramento). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Queiroz, J. F. F. (2008). "Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal", Em *Anuário 21 Gramas*, nº 1. Disponível em http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_versao_21_gramas. Consultado em 20 de maio de 2016
- Queiroz, J. F. F. (2009). "A escultura nos cemitérios portugueses (1835-1910): artistas e artífices". In Ferreira-Alves, Natália Marinho (Coord.). *A Encomenda. O Artista. A Obra*. Porto: CEPESE .pp. 235-247.
- Queiroz, F. & Rugg, J. (2003). The development of cemeteries in Portugal c.1755 – c.1870. In: *Mortality*, vol. 8 (2).
- Ragon, M. (1981). *L'espace de la mort: essai sur l'architecture, la décoration et l'urbanisme funéraires*. Paris: Albin Michel.
- Rezende, E. C. M. (2000) *Metrópole da Morte Necrópole da Vida Um estudo Geográfico do Cemitério de Vila Formosa*. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.
- Rezende, E. C. M. (2006). *O Céu aberto na Terra. Uma Leitura Dos Cemitérios na Geografia Urbana de São Paulo*. São Paulo: Necrópolis.
- Rezende, E. C. M. (2007). *Cemitérios*. São Paulo: Necrópolis.
- Rodrigues, J. C. (2006) *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- Ryan, C. (1991). *Recreational Tourism: A Social Science Perspective*. Londres: Routledge.
- Sharpley, R. & STONE, P.R. – eds. (2009) *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Bristol, UK: Channel View Publications.
- Schwartz, V. R. (1999) *Spectacular Realities. Early Mass Culture in Fin-de-Siècle Paris*. Berkeley; University of California Press
- Sousa, G. V. (2009). *Arte e Sociabilidade no Porto Romântico*. Porto: CITAR/ Universidade Católica do Porto.
- Stone, P. R. (2006). "A Dark Tourism Spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions". *TOURISM: An Interdisciplinary International Journal* 54.2, pp. 145-160.
- Stone, P. R. (2010) "The Dark Tourist Experience: Mediating Between Life and Death" in Sharpley R. & Stone Philip. R. (eds) *Tourist Experiences: Contemporary Perspectives*. London: Routledge.
- Stone, P. R. (2011) "Dark tourism: towards a new post-disciplinary research agenda". In *Journal of Tourism Anthropology*, Vol. 1, Nos. 3/4.
- Vovelle, M.(1993). *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris: Gallimard.
- Young, J. E. (1993) *The Texture of Memory: Holocaust Memorials and Meaning*. New Haven: Yale University Press.
- Yuill, S. M. (2003) Dark tourism: understanding visitor motivation at sites of death and disaster. Texas: Texas A&M University, Dissertação de mestrado. Disponível em <http://repository.tamu.edu/handle/1969.1/89>, consultado a 4 de março de 2017.
- VV.AA (s/d) "O que é o Grupo Saudade Perpétua", em <https://saudadeperpetua.weebly.com/> e <https://www.facebook.com/saudadeperpetua/>